

A IGREJA CRISTÃ NESTORIANA DA PÉRSIA: REPERCUSSÕES NO SÉCULO VI

Sílvia Sônia Simões*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo situar como se deu a implantação do nestorianismo na Igreja persa e sua disseminação para outros lugares, salientando a importância das traduções realizadas nas escolas nestorianas, bem como a reelaboração dos preceitos diofisitas para sua adequação às novas necessidades, preocupações e mudanças de pensamento dos seus contemporâneos. Como ilustração desse processo foi utilizada a *Topografia Cristã*, obra do século VI, de autoria de Cosmas Indicopleutes, comerciante alexandrino adepto da doutrina diofisita, que está entre os escritos tidos como geográficos dada a importância das descrições dos lugares e das trocas efetuadas nos portos do mar Vermelho, da Índia e da ilha de Sri Lanka.

I

Este trabalho fez parte do projeto intitulado *Nos caminhos da Rota da Seda: relações entre ocidente e oriente durante a Idade Média (séculos VI-XV)*, desenvolvido por acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a coordenação do professor José Rivair Macedo. Como a pesquisa visava contemplar um tema próprio dentro do conjunto do trabalho, minha escolha foi a de entender como foi introduzido, na Pérsia, o nestorianismo, bem como mapear a disseminação desta heresia na Rota da Seda. Numa primeira aproximação com o tema privilegiei a leitura do viajante Cosmas Indicopleutes, autor da *Topografia Cristã*, obra escrita no século VI, pelo fato de ele ser um comerciante alexandrino e adepto do nestorianismo. Objetivei, com essa escolha, situar as ligações existentes entre a Igreja Persa Nestoriana e a disseminação de seus preceitos nas cidades da Rota da Seda, estabelecendo a relação existente entre doutrina e comércio.

* Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

II

Na Idade Média, o Oriente era visto como um “horizonte fechado e onírico”, como nos é demonstrado pelos estudos realizados por Jacques Le Goff. O Ocidente, no entanto, pelo desconhecimento quase total acerca da história do Oriente, é muito mais tributário da cultura oriental do que se supõe. O saber greco-romano foi assimilado no Oriente, passando para o Ocidente através das traduções feitas pelos árabes, fazendo com que o Renascimento europeu tenha se tornado, em grande medida, devedor desse conhecimento assimilado através das traduções. Porém o mais ignorado é que os hereges, entre eles os nestorianos, fizeram a tradução de muitos textos gregos, que ficaram conhecidos no mundo muçulmano não por tradução direta do grego, mas sim pela tradução da versão siríaca realizada pelos hereges diofisitas nas escolas de Edessa e de Nisíbis:

Na Síria oriental e na Pérsia sassânida, a cultura clássica precedeu o islamismo, pois foi deslocada de seu centro originário de Antioquia, devido à pressão político-religiosa bizantina, onde os nestorianos iniciaram o estudo das obras de Aristóteles.¹

Desde o século III existiam diversas comunidades cristãs na Pérsia, e no início do século IV a Igreja cristã persa já se encontrava organizada. Data deste período a figura do “bispo” chamado “Papa”, que atuava para o imperador sassânida como delegado dos “padres ocidentais”, que eram os da Mesopotâmia e da Síria. A evangelização cristã na Mesopotâmia era feita a partir de Edessa, e os “Pais Ocidentais” prescreviam o dogma e o rito dos cristãos da Pérsia.

Constantinopla, antiga colônia grega de Bizâncio, em 330 é a nova capital do Império Romano, adotando o dogma cristão estabelecido em 325, no Concílio de Nicéia. Com a morte de Constantino em 337, os persas atacaram as possessões bizantinas do Império Romano. Os cristãos persas, perseguidos pelo Império sassânida, emigraram para outras regiões, como o Malabar e o Ceilão, e também para Nisibis, na Mesopotâmia (que se encontrava, nessa época, sob domínio político de Roma). O estabelecimento no Malabar foi facilitado “devido às comunicações entre a Índia e o golfo Pérsico, e ainda à existência de comunidades cristãs na Índia

¹ VIDAL, F. Canals. *Historia de la filosofía medieval*. Barcelona: Herder, 1985. p. 152

desde os primórdios do cristianismo”.² Em Nisibis, fundaram a chamada “Escola dos Persas”(uma escola de teologia) freqüentada, sobretudo, por persas convertidos ao cristianismo, e onde eram traduzidas obras do grego para o siríaco. Em 363, a Armênia e a Mesopotâmia foram restituídas aos persas. Assim, Nisíbis passou para o domínio sassânida e a Escola dos Persas foi transferida para Edessa

Outro fator que não pode ser desconsiderado é o de que, por volta do ano 350 d.C., a vida econômica do Mediterrâneo estava concentrada na sua parte oriental: “Alexandria tinha lugar predominante no tráfego de produtos orientais, sendo também conhecida por suas escolas de sábios e filósofos; a Síria possuía cidades comerciais, sendo Antioquia a principal delas”.³

Em 410 foi realizado o primeiro Concílio Nacional da Igreja cristã da Pérsia, em Selêucia. A importância deste Concílio residiu no fato de nele terem sido adotados os cânones de Nicéia e também a confirmação da liberdade religiosa na Pérsia, embora o catholicos persa não tenha rompido o laço de união com Antioquia. A permanência da subordinação da Igreja persa ao ocidente leva a que, em 424, esta se separe da Igreja Ocidental. Os bispos sentiam necessidade de ter uma disciplina eclesiástica que não dependesse dos “Pais do Ocidente”, pois esta relação era sempre vista com desconfiança pelos reis persas, que estavam em guerras contínuas com os bizantinos. Assim, foi por uma razão política que a Igreja persa tornou-se independente. Contudo:

A ruptura foi disciplinar e jurídica, não implicando divergências doutrinárias: o catholicos teria os mesmos poderes do patriarca de Antioquia, a fim de que pudesse resolver os problemas sem o recurso da ajuda sistemática da Igreja do Ocidente.⁴

Também existiam razões econômicas, porque o bispo de Nisíbis pedia uma circulação mais livre das idéias, dos homens e das mercadorias, pois os centros comerciais na Pérsia cresciam em importância: as cidades de Selêucia e Ctesifon

² ETCHEBÉHÈRE JÚNIOR, Lincoln. *Cristandade Oriental: a relação entre a Igreja Nestoriana e os cristãos de São Tomé no período medieval*. V EIAM de Estudos Medievais, 2003, Salvador. p. 5.

³ BOULNOIS, Luce. *A Rota da Seda*. Mem Martins: Europa-América, 1999. p. 150.

⁴ SANTOS HERNÁNDEZ, Angel. *Iglesias orientales separadas*. Valência: EDICEP, 1978. (Historia de la Iglesia: de los origines a nuestros dias, dirigida por Agustin Fliche y Victor Martin. V. XXX). p. 54.

eram residências reais à época da dinastia sassânida, e estavam situadas sobre a rota de comércio que “ligava o leste indiano e chinês ao oeste egípcio e romano”.⁵

Os anos compreendidos entre 422 e 484 foram particularmente importantes, pois nesse decurso de tempo a Igreja persa fixou sua orientação sob o nestorianismo, nome pelo qual ficou conhecida a “doutrina das duas pessoas” ou “diofisismo”. É também no transcorrer deste período que os nestorianos foram condenados como heréticos no Concílio de Éfeso de 431, e os monofisistas receberam mesmo tratamento no Concílio de Calcedônia de 451. A doutrina das “duas pessoas” principiou em Antioquia, com Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsueste, ficando durante algum tempo restrita aos limites da escola de Antioquia: foi com Nestório, patriarca de Constantinopla (428-431), que ela começou a ser conhecida. As lutas doutrinárias entre nestorianos e monofisistas estenderam-se, então, ao domínio político, dada a rivalidade existente entre essas duas sés. Alexandria, centro do monofisismo, perpetuava o pensamento grego, fazendo a “acomodação” do cristianismo com a filosofia antiga: para seus adeptos, o Cristo teria uma só natureza, a divina, que poderia ter duas aparências. A escola de Antioquia, seguindo a interpretação siríaca, dizia que o Cristo tinha duas naturezas distintas e “não confundidas”: o homem e o Deus que nele habita.

A introdução do nestorianismo na Pérsia começou com a controvérsia da Escola de Edessa, a “Escola dos Persas”, que aí se tinha estabelecido quando os sassânidas tomaram Nisíbis em 363. Ibas de Edessa, diretor da escola, era adepto das idéias de Antioquia e grande admirador de Teodoro de Mopsuestia. Correspondia-se com Dadicho, seu ex-aluno e *catholicos* da Igreja Persa no período de 421-456, para mantê-lo informado das disputas doutrinárias da Igreja do Ocidente, mas também para introduzir o diofisismo entre os cristãos persas. Esses iam para a Escola de Edessa a fim de aprimorar seus estudos, e o nestorianismo exercia sobre eles muita influência, porquanto esse centro seguia a linha da cristologia siríaca de Antioquia, oposta da forma grega da teologia cristã, representada pela escola de Alexandria. Também deve ser ressaltado que os nestorianos refugiaram-se nesta escola quando de sua condenação no Concílio de 431, “levando consigo manuscritos greco-alexandrinos e os escritos de Teodoro de Mopsuestia,

⁵ TAJADOD, Nahal. *Les Porteurs de Lumière: péripéties de l'Église chrétienne de Perse III^e – VII^e siècle*. Paris: Plon, 1993. V.I. p. 166-174. (Tradução da autora).

contribuindo, assim, para a difusão das idéias nestorianas entre os cristãos persas”.⁶ As doutrinas de Ibas de Edessa perpetuaram-se, principalmente, em seu discípulo Narsis, que fundou em Nisibis uma escola nestoriana semelhante à de Edessa.

Com a adoção do diofisismo, em 484, a Igreja persa, já afastada juridicamente da Igreja ocidental em 424, ficou também separada do ponto de vista doutrinal: agora ela era, ao mesmo tempo, cismática e herética.

Em Constantinopla o Imperador Zenão (474-491) defendia a via grega da doutrina cristã e, em 489, os partidários do monofisismo o influenciaram a fechar a Escola de Edessa e expulsar os nestorianos. Quando isto aconteceu, a escola de Nisibis tinha alcançado grande fama no ensinamento diofisita, graças à organização e à autoridade que Narsis proporcionou à escola, que se tornou o grande centro cultural da Igreja persa. Assim, as traduções siro-cristãs continuaram a se desenvolver, cada vez mais influenciadas pelos nestorianos. Acolhidos na Pérsia, “os nestorianos puderam chegar até à Índia, Mongólia e China, desenvolvendo a cristandade na Ásia fora dos quadros da Igreja católica”,⁷ devido à intensa atividade missional que possuíam. Partindo com as caravanas que atravessavam a Ásia, os diofisitas, muitos deles mercadores, aprendiam as línguas dos povos que iam encontrando. Desse modo, podiam misturar-se à multidão e fazer com que esta entendesse seus postulados: a expansão pela língua, quer na forma oral, quer na escrita, parece ter sido um dos mais significativos cuidados que tiveram na propagação de sua doutrina.

III

No século VI, Bizâncio dominava o Oriente Próximo mediterrâneo e o império sassânida estendia-se pela Mesopotâmia e a área que atualmente corresponde ao Irã. Esses dois domínios procuravam se expandir para a Arábia, porque esta desenvolvia um comércio intenso devido às viagens das caravanas de mercadores, estando em contato com o Egito, Síria, Mesopotâmia, litoral do golfo Pérsico e do lêmên, sofrendo influências helenísticas, persas e indianas, que vinham pelos caminhos das rotas comerciais. A Igreja nestoriana desenvolveu-se em território

⁶ CÂMARA, D. Jaime de Barros. *Apontamentos de história eclesiástica*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1945. p. 94.

⁷ PIRENNE, Jacques-Henri. *Panorama da história universal: segundo as grandes correntes da história universal* de Jacques Pirenne. São Paulo: Difusão Européia do Livro/ UNESP, 1973. p. 153.

persa e contava com adeptos nas cidades que floresciam com o comércio da Rota da Seda.

Em 540, durante o reinado de Justiniano (527-565), Mar Aba foi eleito *catholicos* da Pérsia. Nesse mesmo ano, Cosroes I (531-579) entrou em guerra com Bizâncio. Atacando a Síria, conquistou Antioquia, aumentando o monopólio persa no Ocidente. Isto era justamente o contrário do que queria Justiniano, desejoso de terminar com a dependência econômica de Bizâncio em relação aos persas. Os sassânidas eram os intermediários nas relações comerciais bizantinas com o Extremo Oriente, exercendo o monopólio nas duas rotas existentes, tanto a terrestre quanto a marítima. O principal artigo de importação era a seda proveniente da China. Além da seda, a China e a Índia exportavam para o Ocidente “perfumes, especiarias, algodão e pedras preciosas, comércio que dava aos persas enormes benefícios nas transações efetuadas com os mercadores bizantinos”.⁸

Mar Aba era um mazdeísta convertido ao cristianismo persa, e seguia os ensinamentos da Escola de Nisibis. Antes de ser escolhido *catholicos* da Pérsia, viajou por vários lugares cristãos, como Edessa, Palestina e Egito, chegando, na primeira metade do século VI, a Constantinopla.

Teria sido nas visitas que fez ao Egito e Constantinopla que Mar Aba travou conhecimento com Cosmas Indicopleutes, cujo nome verdadeiro é desconhecido. Na *Topografia Cristã*, Cosmas esconde sua identidade, pois assina somente como “Obra de um Cristão”. A partir do século XI aparece o nome “Cosmas Indicopleutes”, pelo interesse que causam suas descrições de viagens, principalmente as que se referem à Índia. A obra é dirigida contra o saber profano, baseado em cálculos e raciocínios, encarado como adversário da “ciência cristã”, obtida através da revelação. Seu objetivo é refutar as teorias dos pagãos e dos “falsos” cristãos, esses últimos adeptos da ciência helena, e que seguiam a doutrina dos sábios gregos, ou seja, os monofisistas.⁹

Cosmas foi um comerciante de Alexandria e, mais precisamente, um importador de especiarias, dado seu grande interesse pela pimenta. Isto pode ser visto no Livro II, 54 e no Livro XI, 10. Ele dá informações sobre a bacia do Mar

⁸ VASILIEV, Alexander A. *Historia del Imperio Bizantino*. Barcelona: Ibéria, 1945. p.134-135.

⁹ COSMAS INDICOPLEUSTÈS. *Topographie Chrétienne*. Introduction, texte critique, illustration, traduction et notes par Wanda Wolska-Conus. Paris: Du Cerf, 1970. 3.v. (Sources Chrétiennes, n.159). A obra será referida, daqui em diante, por suas iniciais: T.C. Todas as traduções foram realizadas pela autora.

Vermelho e também sobre o Oceano Índico, bem como do comércio na Índia e na China, principalmente nos Livros II e XI. Isto se deve ao fato de Cosmas ter viajado às margens do Mar Negro, conhecendo também a península do Sinai, Etiópia e, segundo alguns estudiosos, a Índia e a ilha de Taprobana (atualmente Sri Lanka). Ele separa suas fontes em observações feitas por “testemunho ocular próprio”, “testemunhos oculares de informantes” e testemunhos colhidos de “boca em boca”. O Livro XI é dedicado à “Descrição dos animais indianos, das árvores indianas e da Ilha de Taprobana”. Esta ilha é a que mais detém sua atenção, pois seria a principal intermediária do comércio entre a China, Índia, Pérsia, Etiópia e Arábia, deixando entrever sua importância comercial no século VI:

Servindo de intermediária, a ilha (de Taprobana) acolhe numerosos barcos vindos da Índia inteira, da Pérsia e da Etiópia [...] em troca ela recebe os produtos de todos os mercados [...] os transporta aos países do interior e ao mesmo tempo expede seus próprios produtos em cada um desses mercados.¹⁰

O papel proeminente dado por Cosmas à ilha de Taprobana indica que seus informantes eram naturais dessa ilha ou que haviam passado por ela. Ao que tudo indica, seriam navegadores e comerciantes nestorianos de origem síria.

Wanda Wolska-Conus¹¹ destaca o fato de Cosmas Indicopleutes trazer novas informações geográficas em sua obra, ou seja, os centros cristãos dependentes da Igreja persa. Os principais informantes de Cosmas seriam cristãos do Império sassânida, encontrados em Adoulis e provindos, ao que parece, da Índia e da ilha de Taprobana:

Na Taprobana [...] há uma igreja de cristãos, um clérigo e fiéis [...] esta ilha possui também uma Igreja de persas cristãos estabelecidos no país, assim como um padre ordenado na Pérsia, um diácono e toda a liturgia de uma Igreja [...] ¹²
(T. C. III, 65; XI,14).

Grande parte dos conhecimentos de Cosmas Indicopleutes acerca da doutrina nestoriana persa provinha de Mar Aba que era, por sua vez, adepto dos ensinamentos de Teodoro de Mopsuestia. No século VI foram retomadas as

¹⁰ T. C. , XI, 15-16.

¹¹ WOLSKA-CONUS, Wanda. *La topographie chrétienne de Cosmas Indicopleutès: theologie et science au VI^e siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p.65.

¹² T.C., III, 65; XI,14.

traduções siríacas das obras de Teodoro de Mopsuestia, sendo Mar Aba e seus adeptos os responsáveis por isso: “quando ocupou a sede patriarcal de Seleucia-Ctesiphon, ele restituiu oficialmente a doutrina de Teodoro, no Sínodo de 544”.¹³

A Topografia Cristã, portanto, traz proximidades com os ensinamentos de Teodoro de Mopsuestia, porém este não é mencionado na obra. Já Mar Aba, ao qual Cosmas chama Patrikios, é nomeado no Livro II, 2 e constitui o único reconhecimento que pode ligar Cosmas a um meio religioso definido. Cosmas diz que está “instruído pelas divinas Escrituras e pelo ensinamento oral de Patrikios, homem de Deus e mestre excelente”.¹⁴ Pode-se inferir disto que o ensinamento oral de Mar Aba, além de possuir cunho teológico, também servia como troca de informações sobre os países distantes do Oriente, sobretudo a Pérsia, principal etapa do comércio da seda, nessa essa época monopólio dos sassânidas.

Contrariando o monofisismo, Cosmas vê a terra como um lugar de aprendizagem: não existe somente o mundo divino, pois o mundo terreno é “condição necessária” para que o homem alcance o “mundo eterno e indestrutível”. Isso demonstra a superioridade do conhecimento revelado em oposição à ciência dos pretensos cristãos, os quais acreditam que “o céu, sozinho, contém o todo”.¹⁵

Partindo dessa concepção, para Cosmas o mundo físico é um espaço natural e predeterminado para servir à evolução dos homens e ao conhecimento da perfeição de Deus. Também é um espaço fechado, com barreiras intransponíveis, que tem sua utilidade garantida pelo planejamento divino. Cosmas entende que o Paraíso terrestre está separado das terras habitadas por um Oceano único e intransponível. É desse Paraíso que nascem os rios Nilo, Eufrates, Tigre e Indus, os únicos navegáveis e nos quais o homem pode se dedicar às atividades comerciais.¹⁶ As terras onde viveram os homens antes do Dilúvio são desertas e encontram-se além do Oceano intransponível: ninguém consegue alcançá-las. Os “quatro golfos navegáveis” - o golfo que costeia a România a partir de Gadeira, o golfo Arábico, o golfo Pérsico e o mar Cáspio - provêm do Oceano único. Cosmas relata que, a fim de exercer o comércio, navegou no golfo que costeia a România, no golfo Arábico e no golfo Pérsico,¹⁷ tendo conhecimento desses lugares por meio de testemunho

¹³ WOLSKA-CONUS, op. cit., 65.

¹⁴ T. C., II, 2.

¹⁵ T. C., II, 11.

¹⁶ T. C., II, 81-82.

¹⁷ T.C., II, 29.

próprio, mas, também por ter conversado com os nativos dessas regiões. Dessa forma, os quatro golfos navegáveis, que se comunicam com o Oceano, são utilizados para o comércio e as trocas (tanto materiais quanto culturais), proporcionando aos homens o estabelecimento de relações entre si. A permanência do universo físico, por seu lado, está subordinada à consumação dos séculos e à ressurreição dos mortos, de acordo com o plano que foi estabelecido “desde o início do começo do mundo”.

Por meio desta pequena exposição pode-se salientar que a maior preocupação de Cosmas Indicopleutes era fazer frente aos seus rivais que realizavam a cristianização do aristotelismo, resgatando as doutrinas diofisitas da Igreja cristã da Pérsia, principalmente as de Teodoro de Mopsuestia, que foram alvo das traduções realizadas por Mar Aba no século VI.

O fato de residir em Alexandria, principal centro do monofisismo e da filosofia aristotélica, e ter por mestre um *catholicos* da Igreja persa, deixa entrever as influências que a Escola de Nisibis exercia, mesmo em lugares onde suas doutrinas eram rejeitadas. Por sua vez, os fundamentos ideológicos nestorianos tinham base em concepções já desenvolvidas, mas que foram readaptadas às novas necessidades que se faziam presentes na sociedade. O comércio exercia em Alexandria um papel fundamental para a divulgação da doutrina nestoriana: exemplo disto é o fato de serem mercadores os responsáveis pela maior parte das informações que Cosmas Indicopleutes tinha acerca de sua doutrina em outros lugares, sobretudo na Índia e na ilha de Taprobana.

As comunidades cristãs persas, disseminadas pelas rotas comerciais, faziam com que os nestorianos aliassem as atividades missionárias com as comerciais, visto que a heresia nestoriana concebia um “mundo” no qual o material caminhava junto com o espiritual. As pregações, desse modo, necessitavam ser menos complexas e sofisticadas, para melhor se expandir entre os povos. Wolska-Conus salienta que os princípios de Teodoro de Mopsuestia foram submetidos a modificações que atendessem às mudanças de pensamento e às preocupações dos contemporâneos. A autora situa em Nisibis, na metade do século VI, uma reforma da doutrina de Teodoro, tendo sido Mar Aba um dos seus principais promotores:

Este ensinamento, oral a princípio, foi fixado por escrito. Desse modo, os conjuntos de preceitos caíram em domínio público, sendo destinados à instrução de todas as camadas da população, retendo da doutrina original somente suas principais articulações.”¹⁸

Cosmas Indicopleutes, ele próprio um comerciante de Alexandria, estava preocupado com os cuidados materiais, negociando a compra da seda com os mercadores persas. Com a compreensão adquirida no decorrer de suas viagens, estava imbuído da importância que o comércio exercia, pois este, ao influenciar o ritmo de vida das pessoas, proporcionava-lhes mobilidade e intercâmbios com diferentes povoações. As rotas comerciais eram, portanto, importantes tanto para o desenvolvimento material quanto para a possibilidade de expansão dos ensinamentos da Igreja nestoriana cristã persa.

¹⁸ WOLSKA-CONUS, op.cit., p.33;85.